

POETISA DO JORNALISMO

"E u vi um menino correndo, eu vi o tempo...". Se os quarenta anos de carreira da repórter Neide Duarte pudessem ser resumidos em uma única frase, o início da música "Força Estranha", de Caetano Veloso, seria o que melhor representa tudo aquilo que ela viu pelas andanças Brasil afora. Afinal, a jornalista viu meninos e meninas correndo, crescendo, lutando e vivendo sob todas as dificuldades. E sim, ela viu o tempo passar, muita coisa mudar, mas sem perder a delicadeza de escolher as palavras certas para reportar tudo isso.

O jornalismo entrou na vida de Neide por acaso e de forma poética. Em uma excursão escolar, por volta de 1967, quando tinha 16 anos, visitou a redação da *Folha de S.Paulo* e foi amor à primeira vista. "Fiquei encantadíssima. Primeiro com o cheiro das máquinas, da tinta, do papel. Depois, entramos na redação e era uma coisa assim escura, de madeira, que parecia algo de filme *noir*. Sabe, de detetive? E eu queria ser detetive. Fiquei mais encantada ainda com aquele clima", conta.

Marcada pela imagem e pelo cheiro do jornal, quando resolveu fazer faculdade queria que sua escolha possibilitasse não apenas ler os autores que admirava, mas também escrever.

Apasionada por Fernando Pessoa, autor que conheceu aos 8 anos por intermédio da irmã mais velha, que estudava Letras, foi descobrindo os grandes nomes da literatura em trechos de

NEIDE DUARTE SONHOU EM SER DETETIVE, BRINCOU DE SER ATRIZ, MAS REVELOU-SE UMA VERDADEIRA ARTISTA, RETRATANDO COM DELICADEZA O BRASILEIRO

POR VANESSA GONÇALVES
SUBEDITORA DE PORTAL

textos nos livros escolares. "Não tinha muitos livros na minha casa. Quando estava no primário, nos livros tinham pequenos textos de autores. Um que me encantou era do Machado de Assis, do 'Memórias Póstumas', que dizia assim: 'O filho é o pai do homem'."

QUASE ATRIZ

Neide entrou na faculdade de jornalismo, na Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), no auge da ditadura militar, em 1970, mas diz que isso não prejudicou sua escolha, nem seu trabalho durante o período. O que realmente influenciou a vida da futura jornalista foi o curso de

teatro, que passou a frequentar na própria Faap, ministrado pelos principais nomes da dramaturgia. "Fiz interpretação com Eugênio Kusnet, história do teatro brasileiro com Sábato Magaldi, dramaturgia com Lauro César Muniz, e dança com Marilena Ansaldi, ex-balé Bolshoi."

Por pouco, a jornalista não deixou de lado o bloquinho e a caneta para se dedicar integralmente à carreira de atriz. "O Kusnet, que era russo, me falava: 'Você vai ser uma grande atriz, precisa ir para a Rússia'. Ele me enlouqueceu tanto que eu fui aprender russo na União Brasil-Rússia", conta.

Nesse período, a rotina da estudante de jornalismo/atuação era uma verdadeira maratona. Trabalhava como escriturária no Banco do Brasil, corria para a aula de russo, depois ia para o curso de teatro e, na sequência, frequentava as aulas de jornalismo. Logo depois, ainda incluiu no dia a dia





as aulas de balé clássico com Ady Addor, que tinha sido bailarina do balé do IV Centenário.

Também foi nessa época que Neide ganhou o apelido que a acompanha até hoje: Coca. Ela conta que o russo Kusnet chamava todas as meninas pequenas de Coca-Cola, pois havia acabado de sair a garrafa ‘caçulinha’ do refrigerante, que se assemelha a uma silhueta. “Como eu fazia o teatro junto com a faculdade, esse pessoal me chamava de Coca por causa dele e os outros ouvindo foram me chamando assim também. E ficou até hoje.”

A influência das aulas de interpretação foi tão marcante que, mesmo depois de formada, ela criou uma companhia de teatro com uma amiga, chegando a encenar algumas peças. “Eu já trabalhava na *Folha* e o que ganhava tinha que pôr no teatro. Não dava para nada. E aí eu sentia que não era o meu negócio fazer uma peça e repetir sempre o mesmo texto.”

JORNALISTA EM AÇÃO

Com o teatro deixado de lado, Neide focou-se no jornalismo. Sua primeira experiência foi no extinto *Diário Popular*, onde ficou por dois meses. Na sequência, emplacou como repórter de um jornal de bairro, em Pinheiros, zona oeste de São Paulo (SP), mas também ficou pouco tempo por lá. Depois, foi trabalhar na TV Tupi, onde ficou apenas um semestre.

“Fiquei uns seis meses na emissora porque era assim: como a empresa devia o INSS dos cinegrafistas, então, quem mandava eram eles. Saíam com a câmera e diziam ‘já está bom’ e iam embora”, relembra.

Para piorar a situação, o canal tinha apenas uma câmera sonora e, logicamente, todos os repórteres queriam sair com ela para fazer entrevistas. Porém, certo dia, quando Neide chegou para pegar o equipamento, ele tinha sumido. “Eles ficaram enrolando até que descobri que tinham alugado a câmera para filmar um casamento. Fiz uma confusão e me mandaram embora.”

**"ERA
OBSESSIVA,
MAS SEMPRE
ATENDIDA
PORQUE OS
PROFISSIONAIS
QUE FAZEM
AS MELHORES
COISAS ACABAM
CONQUISTANDO
O MELHOR
EQUIPAMENTO"**

Essa característica é marcante na carreira de Neide Duarte, como conta Dácio Nitrini, diretor de jornalismo da TV Gazeta, que foi colega de redação na *Folha* e chefe dela durante a passagem pelo SBT. “Ela me enlouquecia por seu detalhismo na escolha do tipo de equipamento que ia levar para a rua. Isso é o inferno na vida de um editor na televisão. Ela começava cinco dias antes de fazer uma pauta a me encontrar nos corredores e a primeira coisa a falar era sobre o microfone, a câmera etc. Ela sabe que na televisão a qualidade da imagem, para estar à altura do texto e das coisas que antevia, tinha de ser excelente. Era obsessiva, mas sempre atendida porque os profissionais que fazem as melhores coisas acabam conquistando o melhor equipamento.”

UMA GREVE NO MEIO DO CAMINHO

Meses depois, já em 1976, Neide foi contratada como repórter da *Folha de S.Paulo*, redação pela qual tinha se apaixonado na adolescência e que, em grande parte, foi responsável pela escolha da profissão que viria a seguir.

Entretanto, a experiência no impresso era sofrida para a jornalista. “Naquele tempo, qualquer matéria que você ia fazer tinha que escrever três laudas e eu nunca fui de escrever muito. Uma lauda para mim já estava ótimo. Logo eles viram que isso não dava muito certo e começaram a me mandar fazer matérias para o fim de semana”, relembra.

Deslocada para a editoria de “Cidades”, Neide fez de tudo um pouco, mas começou a se destacar por mostrar assuntos comuns por outro olhar.

O casamento com o impresso foi interrompido com a greve dos jornalistas, em maio de 1979, quando ela e outros colegas perderam o emprego. “Demitiram muita gente durante a greve, porque era uma coisa assim: quem trabalhava na *Folha* ia fazer piquete no *Estadão* e vice-versa. Quando se é jovem, se todo mundo vai, você vai também.”



Como todos os grevistas foram fotografados, os patrões sabiam quais eram os envolvidos na paralisação.

Para piorar a situação, os dirigentes dos principais veículos de São Paulo fizeram um acordo para que os jornalistas demitidos em razão da greve não fossem contratados pelas empresas. Assim, restou aceitar os trabalhos que pintavam esporadicamente, como a curta passagem pelo *Shopping News* e os *freelas* para a sucursal de *O Globo*, em São Paulo. “O único lugar no qual consegui *freela* e não tive problema foi em *O Globo*. Fiquei seis meses, quando uma amiga, que estava na TV Globo, falou para eu fazer um teste. Em 1980, saí com a Helena de Grammont, fiz um teste de vídeo e aí foi fácil arrumar trabalho”, comenta.

Na opinião dela, a redação da Rede Globo nos anos 1980 era “uma das melhores do país, pois contratou grandes jornalistas do impresso. Ali foi a minha verdadeira escola”. Neste recomeço trabalhou com profissionais do naipe de Valdir Zwetsch, atual editor-chefe do “Jornal da Band; Silvia Sayão, atual editora do “Globo Repórter”; Diléa Frate e Anne Porlan, que atuam no “Programa do Jô”; entre outros. “Só fera!”, resume.

Segundo a jornalista, embora estivesse aprendendo a fazer tevê, esses grandes jornalistas davam liberdade para que o repórter pudesse ir além, algo bem diferente agora. “Hoje é tudo muito mais amarrado. As coisas são muito mais compartimentadas, mais controladas mesmo.”

Na visão de Zwetsch, Neide logo entendeu como funcionava a nova rotina e conseguiu imprimir um estilo próprio, deixando uma marca no jornalismo. “Ao longo da carreira ela evoluiu e, o mais importante, é que criou um estilo. A maneira dela conduzir uma reportagem é muito autoral, o que é raro nesse nosso meio. E não é qualquer um que pode fazer isso. Se alguém tentar fazer como ela, não vai conseguir.”

A jornalista tenta explicar como conseguiu criar esse estilo mais poético, que lhe renderia prêmios.

**"SEMPRE FOI
UMA COISA
MEIO NATURAL.
É SEMPRE
OLHAR COMO
SE ESTIVESSE
VENDO AQUILO
PELA
PRIMEIRA VEZ"**

“Sempre foi uma coisa meio natural. É sempre olhar como se estivesse vendo aquilo pela primeira vez, como o olhar de uma criança que nunca viu aquilo. Isso é estimulante, pois você pode fazer o mesmo tipo de matéria várias vezes e nunca vai sair igual.”

Por dezesseis anos, Neide Duarte fez matérias para os principais programas jornalísticos da Rede Globo. Com seu contrato chegando ao fim, recebeu um convite de Bóris Casoy para ser repórter no SBT e encarou a nova empreitada.

REDESCOBERTA

“Fiz um contrato de dois anos com o SBT, mas fiquei só um. O Bóris [Casoy] brigou lá, o Silvío Santos acabou com o jornal.” Para seu alento, tinha conseguido, junto com Maria Cristina Poli, aprovação de um projeto na Lei Rouanet para fazer dez documentários sobre os bairros de São Paulo. Logo conseguiram vender a iniciativa e ela pôde ficar um ano dedicando-se a esses vídeos.

“Foi maravilhoso. Como esses documentários foram exibidos pela TV Cultura, o diretor de jornalismo me convidou para dirigir o programa que ele ia criar: ‘Caminhos e Parcerias’, que eu amei fazer.”

Logo na primeira produção, passou dez dias no sertão de Pernambuco e viu que aquela iniciativa não só ia dar samba, como iria alçá-la a um novo mundo. “Nesses dez dias no sertão eu tive uma redescoberta da profissão: ‘Então o jornalismo é isso? E ainda vão me pagar para fazer?’. Foi um encantamento total”, comenta.

Para Maria Cristina Poli, “o jornalismo que Neide faz é artesanal, tem muito cuidado, aquele texto elaborado, bem pensado. Quando ela está diante de uma notícia, mesmo aquela que ninguém acha que é notícia, tem um olhar que vai mais fundo daquilo que está na superfície”.

Esse olhar rendeu à repórter uma série de prêmios por essas reportagens, como Libero Badaró; Vladimir Herzog; Mídia da Paz; Ethos de Jornalismo; Prêmio El Rubro Mercosur/Educación, entre outros.



Fotos: Arquivo Pessoal



CARREIRA
REGISTROS DE NEIDE
DUARTE EM DIVERSAS
PAUTAS REALIZADAS AO
LONGO DE SEUS MAIS DE
45 ANOS DE JORNALISMO

O SONHO

“Quando voltei [para a Globo] em 2005, dei graças a Deus, porque a TV Cultura não tinha mais dinheiro para fazer esse programa. Estava vindo o fim chegando, o que foi uma pena, porque hoje não temos documentários na tevê aberta,”

Em 2010, Neide sentiu o gostinho de voltar a trabalhar em pautas do gênero, quando atuou com Edney Silvestre e Marcelo Canellas na série “Brasileiros”, que teve apenas uma temporada.

No ano passado, a jornalista foi surpreendida pelo reencontro com um garoto de uma pauta produzida em 1995. Na época, ela levou o menino Rafael, de 9 anos, morador da comunidade de Vigário Geral, no Rio de Janeiro (RJ), para conhecer a Disney. No programa “Encontro com Fátima Bernardes”, ela descobriu que aquela reportagem incentivou o jovem a se formar em turismo. Hoje, aos 26 anos, ele atua como ator e dançarino no AfroReggae.

Neide sabe do poder transformador que sua profissão pode ter, mas não se ilude com isso. “Acho que [o jornalismo] tem um papel transformador, mas sem querer. É como qualquer outra pessoa que pode se aproximar da gente e transformar nossas vidas.”

Como esses encontros transformam a vida do entrevistador e do entrevistado, Neide tem um sonho: retornar a São José da Tapera, no sertão do Alagoas, para reencontrar personagens de pautas que fez para o “Caminhos e Parcerias”, entre 1998 e 2000.

Lá ela conheceu duas crianças que viviam à beira da morte, na cidade que tinha o pior índice de desenvolvimento humano no país. “Entramos no posto de saúde e havia crianças desidratadas, mas ele [Rogério] era um dos que estavam piores. Pensei: ‘Não vamos esperar o menino morrer para filmar’. Pedi para o produtor comprar uma água de coco. Quando a mãe encostou o copo na boca dele, ele agarrou com as mãozinhas, e bebia aquilo. Só de olhar você já chora. E aí, a mãe queria tirar o copo porque tinha acabado, mas ele não largava. Quando largou, sorriu. Depois, na entrevista, a médica disse: ‘Se a criança sorri, é sinal de que ela está salva’. Você não faz ideia do que foi isso”, conta.

Na época, essas crianças tinham de 3 a 4 anos. Agora, o desejo de Neide é voltar ao lugar para fazer um filme e ver como estão esses jovens, agora com 15 ou 16 anos. “Quero saber como estão. Já que se salvaram para a vida, quero ver como se salvaram para a educação e para o resto.” É esse olhar profundo que mantém Neide Duarte por aí, vendo meninos correndo, vendo e retratando o tempo... **1**